

OS FACTORES

Uma conferência dada 29 de Outubro de 1954

Quero agora falar de um assunto ou dois para que vocês, como estudantes do Curso Clínico, fiquem bem melhor familiarizados. Caso contrário, alguém virá e dirá, „Blá-blá-blá-blá-blá. Não é assim?” E você dirá, „Gahhh! “E para evitar o uso e abuso desta palavra Gahhh, vou que dizer alguns coisas aqui poderão ser consideradas de interesse.

Em primeiro lugar são Os Factores.

Esta peça de escrita, Os Factores, apareceu originalmente na Emissão 16-G de *O Jornal de Cientologia*, e então em Cientologia 8-8008. Também foi outra vez impresso no *Manual O Auditor*.

Agora, Os Factores são bastante antigos. Eles não são novos. Não se encontra neles nada de espantoso ou fresco. Se você os ler descobrirá contudo muita coisa, porque a parte engraçada é que eles não envelheceram. Eles são tão verdade neste momento como no momento que foram escritos, e não houve qualquer tipo de razão para os mudar. E se você não os conhece, perderá muito em Cientologia.

Cientologia é o estudo de vida. É uma compreensão da vida. Você poderia navegar talvez para sempre em Dianética, sem jamais saber Os Factores, em particular. Mas de certeza não iria longe em Cientologia, porque eles são o comportamento e os impulsos do espírito. E é a forma como dois ou mais espíritos se juntam e fazem um universo. Esta é de facto a génese do universo físico. Não há razão para supor que não é, uma vez que Os Factores produzem hoje alguns processos extremamente funcionais.

Vou aqui ler Os Factores muito rapidamente.

1. *Antes do início era a Causa e todo o propósito da Causa era a criação de efeito.*

Não há aqui qualquer modificação. Chamo a vossa atenção para que isto não é uma declaração modificada, não tem qualquer modificador subjuntivo ou cláusulas adverbiais adicionadas. É simplesmente o que diz.

1. *Antes do início era a Causa e todo o propósito da Causa era a criação de efeito.*

E se procurar qualquer razão adicional, neste ou qualquer outro universo, vai ter que procurar muito tempo sem encontrar nada.

Agora, alguém surge e diz: „sim, mas, você sabe, porquê é que Deus construiu todo este universo?” Sabem, ele está a incorrer em irresponsabilidade, irresponsabilidade. A resposta tecnicamente precisa era: „antes do início era a Causa e todo o propósito da Causa era a criação de efeito”.

É uma coisa interessante, mas é por isso... é o que um espírito está a fazer, e é por isso que ele está a fazer o que está a fazer, e é só.

Agora, se examinarmos isto muito cuidadosamente, descobriremos a verdade simplesmente correndo-o como processo. Você poderia corrê-lo mesmo como processo. Com quaisquer das coisas que sabemos sobre processamento e as formas e técnicas respectivas, poderíamos usar causa e efeito.

Eu demonstrei isto recentemente, e as pessoas estavam totalmente confabuladas... Algumas nem sequer podiam lembrar-se de uma hora de sessão de processamento. Elas tinham ficado totalmente em branco. Foi mesmo muito duro, simplesmente porque foi um convite para despedaçar o banco todo. É tudo. Assim mesmo.

Então havia pessoas em boa forma, capazes de correr isto bastante facilmente, e as que estavam em terrível má forma, reclamando e perturbadas com isto, e assim por diante. Ainda está certo. Você poderia tê-los corrido muitas vezes neste processo particular e eles não teriam feito senão alcançar bem-estar.

Eu pedi-lhes que elegessem uma causa: „aponta algumas coisas responsáveis por estares aqui”. Eu fraseei isso de muitas maneiras. „Algumas coisas responsáveis por estares aqui”. „Apontemos algumas coisas que são causa”, qualquer coisa assim.

E isto tudo é simplesmente pedir-lhes para correr a maquinaria que elege outras coisas causa que não eles próprios. E o que sucede é que foi ligado um lote terrível de máquinas que saltaram fora, surgindo muitas oclusões, e assim por diante. Era o centro de toda a maquinaria que saltava fora.

Agora, há um processo mais simples pelo qual você poderia processar causa e efeito. A própria comunicação é simplesmente causa-distância-efeito. Porque é um propósito primário, ou „a razão porquê” atrás do próprio universo.

Este é um universo de comunicação, comunicação essa modificada por realidade e afinidade, e emissor-distância-receptor poderia ser outra maneira de simplesmente ficar causa-distância-efeito.

O que é que queremos dizer com „causa”? Alguém lhe pode perguntar isso algum dia: „o que é que quer dizer “causa”?”

É a fonte de uma emanção. Agora, você não tem nenhuma outra razão para definir isso numa forma mais complicada. Não há razão para definir isso mais complicadamente. Você diria que causa é fonte de emanção. Um ponto causa é fonte de emanção. É o ponto básico de emanção. Isso é o que nós queremos dizer com causa. Temos sempre que dizer *ponto* se nos envolvermos em conversação.

Agora, poderia haver um argumento. Você poderia ter alguém ali em pé com uma arma, disparar através de uma distância, e atingir outrem. E você diz: „bem, qual foi a causa desta acção?” Bem, agora você entra na operação tola em que as pessoas entram quando começam a localizar causas. É um velho exemplo que corre algo assim:

O tipo disparou a arma. Então qual foi a causa?

Certo, você poderia dizer: „a causa foi puramente mecânica, e a causa do outro ser atingido foi a bala. A bala é que fez a viagem, foi a partícula, de forma que foi a causa”.

„Não, não foi. Foi a pólvora”.

„Não, não foi. Foi a agulha da espoleta”.

„Não, não foi. Foi o martelo (da arma)”.

„Não, não foi. Foi o gatilho”.

„Não, não foi. Foi a mão do sujeito”.

„Não, não foi a mão do sujeito. Foi o próprio sujeito que está ali de pé”.

„Não, não foi o próprio sujeito que está de pé. Foi a situação que o incitou fazer isto”.

„Não, não foi essa situação, realmente, foi a pessoa que causou a situação ali onde ele está, a esposa dele. Porque a esposa dele o transtornou muito, e foi por isso que ele atirou contra o outro sujeito. E por isso, a esposa dele foi de facto a causa dele ficar transtornado”.

„E também esta não seria realmente a causa básica, porque a criança da família tinha chorado toda a noite, e naturalmente, a esposa estava transtornada. Por isso, ela perturbou o marido. Por isso, ele atirou contra este outro sujeito. E isso é o que nós queremos dizer...”

Sabe o que estes as pessoas estão a fazer? Estão a colocar vias nesta linha.

O que nos interessa é só o facto de que uma coisa vivente, a primeira coisa vivente adjacente à linha de comunicação directa, foi a causa. Só a primeira coisa vivente adjacente.

Nunca pense na causa em termos de energia, se quer de facto obter uma imagem da existência.

Você diz: „O martelo da arma”. Não, o martelo nunca poderia ser causa. Repare, isso não poderia ser causa. A própria arma não poderia ser causa. Energia não pode ser causa.

E, como resultado, a aberração primária na banda é eleger energia como causa. Repare, isso é uma aberração. É eleger energia como causa. É causa-distância-efeito, em cuja distância foi inserido um grande número vias. E todas essas vias têm a ver com espaço e energia. Devem ver isto muito claramente.

Porque, nós temos a primeira coisa vivente adjacente à linha directa de comunicação como causa. A vida-distância-efeito sobre a vivência, é que é o mais alto escalão desta acção de comunicação.

Coisas mortas, energia, espaço, não são sensíveis, elas não têm sentimentos e assim por diante, e na verdade não podem empenhar-se em causa-distância-efeito, e só coisas viventes se podem ocupar disto.

E onde temos massas de energia aparentemente ocupadas com este causa-distância-efeito, depois da partida do ser vivente você obtém simplesmente um atraso na acção. É mais tempo, mais distancia, entre causa e efeito, outra vez.

Logo nunca, como auditor, preste muita atenção a vias de energia, a menos que a corrêsemos fora directamente como aberração. Mande um sujeito fazer isto...

A propósito, você processa sempre... (uma pequena máxima), processa sempre para a verdade. Processa sempre para a verdade. Mesmo que haja uma técnica que eu tenha escrito negligentemente, ou algo assim, você tem que saber o valor da técnica e assim por diante. Ela processa para a verdade?

Por outras palavras, ela processa para a verdade última? Processa para o estático? Está a validar um estático? Ora então é que uma boa técnica. E se está a validar uma inverdade, quer dizer, uma qualidade aberrativa, não é por isso tão boa.

Logo essa não é uma boa técnica, mas é uma técnica que você pôde correr, mandando alguém olhar ao redor e eleger massas de energia ou espaços como causa. Isto faria as-is de um lote terrível de emaranhado do pensamento. Não é uma má técnica, mas não é uma técnica particularmente boa. Vêem isto como uma possibilidade?

Agora, nós temos: „Causa é vida”. Nunca confundam isto. Causa não pode ser nem objecto, nem partícula de energia ou espaço. Só vida.

Da mesma maneira, o verdadeiro facto é que só vida pode fornecer a causa de um efeito satisfatório. O efeito em objectos não é muito satisfatório.

Agora, dar-lhes-ei um exemplo disso. Você começa a jogar xadrez e começa a mover as peças no tabuleiro. Não há ali qualquer jogador. Nem sequer faz o mock-up de um jogador. Está apenas a mover as peças.

Um homem teria que estar muito introvertido para continuar durante anos a mover peças de xadrez num tabuleiro, ou a empurrar a sua plaina na marcenaria, ou algo dessa espécie. Usualmente, alguém que se ocupa disto tem um parceiro em sonhos, ou algo assim. Ele está a fazer este trabalho, ele está a pensar em outrem, etc.

Vida é atraída por vida. Vida comunica com vida. E onde a linha de comunicação pára somente em mest, você entra em sarilhos.

Qualquer pessoa que pára a sua linha de comunicação somente em mest, ou acredita que essa linha de comunicação termina como soldados a disparar contra um punhos de renda, acabando simplesmente ali em mest sem qualquer efeito adicional, etc., obterá da parte das pessoas um enfado ou transtorno quase imediato.

Se a única coisa em absoluto onde produzir um efeito fosse matéria, energia, espaço ou tempo, este não seria considerado um grande jogo.

Um jogo exige um oponente. Logo quando dizemos causa-distância-efeito, e estamos a usar causa e efeito como substantivos, queremos dizer especificamente causa viva. Queremos dizer efeito vivo, vida. Porque só a ideia de coisas vivas nos dá a realidade da energia.

Apague de qualquer área toda a vida, e, se o pudesse fazer, não descobriria qualquer área. Nenhum espaço existe sem uma contínua criação pela vida. Esta é uma lição primária em Ci-entologia: não há existência quando a vida não está presente.

A vida pode considerar que pode existir e, nessa medida, só considerará que existe. Mas um pedaço de espaço negligenciado ou desconsiderado pela vida, já não é um pedaço de espaço.

Você sabe, nós poderíamos obter a ideia de „toda a gente deixar este universo físico”. E pensaria por isso que o universo ficaria simplesmente aqui, e esboroar-se-ia, e todos os planetas girariam e a coisa toda giraria muito, muito bem. Não é assim!

Como resultado disso, alguém deixaria o seu próprio universo, o seu próprio banco, sabem? Onde é que está o banco dele? Ele sai fora. Onde está o pedaço de espaço que criou nalgum momento? Bem, você ainda pode considerar que existe.

Bem, você pode por isso restimular fac-símiles considerando simplesmente que eles existem outra vez. E se na ocasião foi muito impressionado por eles, estará então disposto a ser impressionado quando os restimular. Mas, caso contrário, os fac-símiles não existem.

É às vezes um ponto duro de tragar para alguém que está tão intimamente ligado a espaço que parece estar sempre lá, a energia que parece estar sempre presente. Mas a verdade é que você não tem causa-distância-efeito na ausência de vida.

Você pode de facto encontrar o período mais aberrativo da vida de qualquer homem ao descobrir quando ele comunicou directamente com mest sem comunicação adicional com vida, quando ele considerou e pensou e dirigiu a comunicação somente a mest. Ele pode realmente dirigir comunicações a todos os tipos de pessoas via este mest. Mas um nome alternado para mest seria *via*, que nunca é um fim em si mesmo

Ele poderia chegar a um ponto onde usar vias, onde acreditar que não havia ninguém no receptor, daí a agitação quando alguém tem um longo atraso de comunicação.

Se você começa a viver com alguém que não lhe responde quando lhe fala, ficará com uma imagem tola. Você pensa que está a falar com mest. Estão ali num corpo mest e não parecem estar em casa, é como viver com a morte e é totalmente perturbador.

Bem, então, ao mesmo tempo você poderia examinar e achar momentos em que um indivíduo teve que comunicar sólida e somente com mest, sem comunicação adicional, na opinião dele, e descobrirá os períodos aberrados ou aberrativos da sua vida.

Vejamos um maquinista que acredita intimamente que nada do que ele faz será observado ou aplaudido por ninguém. Ele apenas faz parte de uma linha de montagem, e tudo o que está a fazer é força para baixo naquele berbequim, e força naquele berbequim. Ninguém aprecia isso. Não há mais qualquer efeito disso, já se vê. Ele está simplesmente a fazer força para baixo no berbequim e a fazer força para baixo no berbequim. E depois dalgum tempo ficará maluco. Porque está a comunicar directamente com mest.

Agora, você pega neste sujeito, que é estudante ou algo assim. Ele está aparentemente bem, mas os seus factores e atrasos de comunicação estão todos mal. Ele não tem comunicado directamente com a vida. Nem sequer via mest ele tem comunicado com a vida. Tem comunicado com mest, e mest não comunica.

Outro factor: você começa a falar com um fonógrafo que lhe repete as coisas de volta. Você só está a falar com mest. Não há mais vida na linha. E você começa a falar com este fonógrafo que lho segreda de volta, e a qualidade repetitiva disto, o atraso entre as suas palavras e voltar a recebê-las e assim sucessivamente, é muito, muito aberrativo. A única coisa realmente aberrativa sobre isto, é que você está a ser causa e efeito simultaneamente. Você está a ser causa do seu próprio efeito. E quando as pessoas comunicam exclusivamente com mest, elas têm então que se tornar efeito da sua próprio causa.

Agora, vejamos a provação infeliz de um auditor que treinou um estudante a auditar através da própria perícia, e então recebe ele próprio audição pelo estudante que treinou.

É uma sorte que um auditor, simplesmente através de resultados em preclaros, possa obter uma quantidade enorme de processamento, porque nunca o obterá de outro modo. Ele pode obtê-lo dos estudantes seus colegas treinados ao mesmo tempo que ele, já se vê. Mas treinar um

estudante e então o estudante processá-lo, é como falar com mest. Não há nenhuma vida sensível do outro lado da linha, tanto quanto parece. Porquê? Porque o que está a acontecer é uma duplicação do próprio auditor. Embora ele percorra e faça várias coisas, dá uma manifestação muito curiosa.

Muitos auditores foram atingidos por isto, mas eu provavelmente sou uma meta básica nesta linha. Quer dizer, ser auditado é uma proposição interessante, no que me diz respeito. É como ouvir um retrocesso (feedback).

Eu até fui auditado uma vez mandando alguém abrir o Livro Um e ler o... Eles faziam muito isto. Havia ali um parágrafo, (a primeira coisa que se devia dizer ao preclaro) e eu mandei o auditor abrir o livro e ler-me esta arma de abertura. É claro, eu estava a falar para mim próprio, de uma máquina de escrever no momento que ele estava a fazer isto na página impressa. Manifestação curiosa, curiosa.

E eu interroguei-me porque é que não fui completamente pela borda fora por causa deste circuito interessante. É mesmo um circuito. Repare, não vai a lado nenhum. Apenas me admirei por não ficar inteiramente arrasado.

Bem, de facto, no passado, os homens, ao tentar implementar algum tipo de programa na sociedade, ficaram uniformemente arrasados ou malucos. Sabem porquê? Não obtiveram um efeito último na vida.

Cada preclaro que eu audito faz-me muitíssimo bem. Porque, acreditem, no último ano, certamente nos últimos meses, tenho realmente conseguido efeitos.

Uma menina psicopata entrou aqui um dia. Ela realmente não sabia o seu próprio nome. Conhecia HASI e sabia que eu estava algures em Fénix, e ela chegou aqui de alguma maneira. Foi uma coisa interessante. Não conseguia dizer o nome, embora provavelmente o soubesse, e sob pressão tê-lo-ia dito, mas ela estava bem maluca.

Eu corri-a em nada mais forte do que o Procedimento de Abertura 8-C, e só um pouco. Fiz um pouco de trabalho experimental quando ficou fora de perigo. Acho que não estive aqui mais de três ou quatro dias e foi para Wickenburg ou algures onde arranjou trabalho. Está aparentemente bem. Não teve realmente o que chamaria audição, mas penas alguns minutos.

Bem, devido ao facto de haver tantas experiências diferentes, e do material que estão a usar não ser de facto originação minha, já se vê... parece certo dizer que eu originei e fundei a Dianética e a Cientologia. Isso está perfeitamente certo, e daquela forma organizada, mas acontece que lidam em geral com os acordos de toda a banda da vida. Trata-se em geral dos acordos de toda a banda da vida. E estes foram muito, muito acutilantemente desenraizados e expostos, e os seus denominadores comuns reunidos, e assim sucessivamente. E só por esta única razão pode então qualquer pessoa ser auditada.

Você está a auditar a toda a sua própria banda. Logo é então claro que você pode ser causa inicial de uma linha de audição, em lugar de causa ultrapassada. Estão a ver?

Certo. Antes de o início era a Causa e único propósito da Causa era a criação de efeito.

Há aqui distância envolvida, não há? Você sabe que se não houvesse distância envolvida em absoluto, todas as causas seriam efeitos, não seriam? Logo, quando não há envolvimento de distância, ou de espaço, você tem alguém a falar para si próprio.

Logo isto não seria bom, pois não? Não seria uma experiência satisfatória, e por isso a vida não leva àquilo. Poderíamos então dizer que a tolerância de distância é o factor principal atrás disto. Tolerância de distância.

Bem, a tolerância de distância seria simplesmente a confiança do indivíduo para produzir um efeito, a *que distancia*? Quanto mais longe ele puder produzir um efeito, mais feliz será. Mas teria que ser um efeito directo, compreendam essa linha, estar realmente contente com esta coisa.

Que distância é que você pode permitir entre si e o efeito que vai produzir noutro ser? Isto é uma pergunta real.

Agora, vou dar um exemplo disto: um pintor começa a pintar. E ele é no princípio, jovem, com a sua glória. Vai lançar aquela matéria lá fora e as pessoas vão ver isto por toda parte e realmente vão ficar surpreendidas. Ele pinta como um demónio, já sabem, angiti-bangiti-bangiti-bang. E então obtém finalmente o primeiro reconhecimento: um comentário malicioso, engenhoso no último parágrafo de algum crítico mal conhecido. O último parágrafo de algum crítico mal conhecido menciona o nome dele. Isso não é grade efeito.

Então ele luta com isto e depois de algum tempo começa a pensar se realmente está a ser visto. Estas coisas estão a ser vistas? Naquele momento começa a ficar sério. Mest pesado a entrar.

Mas ele está a encurtar as suas linhas. Ele está a encurtar as linhas, está a encurtá-las, e a encurtá-las. No princípio não se importava nada que a família as apreciasse ou não. Em breve começa a importar-se se a família nota ou não estas pinturas, e se outras pessoas perto dele notam estas pinturas, e ele começa a mostrá-las.

A propósito, um poeta começa a andar com a sua poesia, sem audiência, já se vê, ele começa a andar com a poesia e a lê-la às pessoas que não podem fugir. Porque tem que produzir um efeito com ela.

E chegará finalmente a um ponto em que perdeu muita distância. Ele acredita agora que pode produzir um efeito só quando a pessoa está mesmo na frente dele.

Enquanto que antes acreditava que puderia produzir um efeito em alguém a alguns milhares de milhas. Estão a ver? Simplesmente, ele escreveu o poema, e, de alguma maneira, nalguma publicação ou de algum modo, ou boca a boca, alguém a mil milhas seria emocionado por este poema.

A seguir, está a tentar obter um efeito a um metro ou dois. E, a seguir, é o único que pode desfrutar disso. Estão a ver? Lê a poesia para ele próprio, e começa a desfrutar da sua própria poesia.

Nas universidades, uma coisa muito, muito divertida é que eles começam com toda uma escrita e artes criativas, colocando isso como a mais alta meta, a produção de um efeito em si próprio. Deveria escrever, pintar, arquitectar para sua própria satisfação.

Ui! É uma coisa terrível que não se faz a ninguém. Você apanha o postulado mais baixo que se pode atingir, e ainda pode encontrar sanidade, e coloca isso como a mais alta meta de trabalho criativo, reparem.

Agora, isto seria como dizer a um músico que deveria tocar para seu próprio prazer. Estão a ver? *Nyahh!* Tocar para o seu próprio prazer? Isso é de loucos.

Ele quer tocar para bastante longe. Pelo menos quer comunicar num salão de baile com um efeito, já se vê. E quando ele é um músico realmente caloroso, já sabem, realmente caloroso, muito confiante e assim sucessivamente, as possibilidades são... quando ele começa a tocar num salão de baile alcançará todo o salão de baile certamente. E até verá os grooms e os porteiros do hotel e coisas deste tipo, parar para ouvir aquela peça particular. Seria uma satisfação formidável, não seria?

Não é tão bom saber tipo nebulosamente que as pessoas estão a ouvir do outro lado de uma linha de TELEVISÃO ou de rádio. Isso não é tão caloroso. E como é horrível pensar em ouvir gravações.

Na verdade é desagradável para um artista pensar, pouco depois, em toda a gente a ouvir essa gravação. Você sabe, ele está a tocar, mas não está lá a tocar. Eu vi pessoas sentirem um tipo de adulteração. É provavelmente melhor do que não tocar em absoluto, mas não é muito satisfatório.

Quatro ou cinco músicos estão como que arrasados, e tipo em má forma. Eles vão juntar-se para „sessões de improviso”, ou lá que palavra é. (Eles mudam o calão depressa). E juntam-se para estas sessões, ou algo assim, e sentam-se à volta e tocam para seu próprio prazer. *Dah-de-dah-dat*. Eles estão de saída.

Você não toca para seu próprio prazer! Quando começa a tocar ou a viver para seu próprio prazer, deixou de viver.

E também, por estranho que pareça, deixa de tocar. Porque aqui há outra coisa formidável: a sua capacidade é tão boa quanto acreditar que pode produzir um efeito, e é tão boa quanto a distância que acredita poder alcançar. Apanharam isto?

Agora, não há, „ir para a escola e estudar bastantes anos”, repare, „e tentar no duro, e não imitar mais do que os melhores velhos mestres, e passar por vias-vias-vias-vias-vias para chegar a via-via-via”. Você chegará à via, é verdade. Você acabará por tocar para sua própria satisfação. E logo abaixo de tocar para sua própria satisfação, está deixar a tampa do teclado de piano em baixo e provavelmente aferrolhada. Não o toca em absoluto.

Não é a quantidade de estudo que faz um corredor conduzir ou um trompetista tocar. É a distância a que ele produz um efeito. Logo as pessoas começam a acreditar que a sua fama deverá ressoar. Eles sabem que não podem fazer soar um trompete a cinco mil milhas, mas é certo que alguém a cinco mil milhas oiça como ele é bom.

Bem, se você tivesse alguém que acreditasse (isto é crença) que a confiança e convicção em si próprio era muito, muito grande, ficaria incrédulo, quer tivesse alguma vez tocado uma peça ou não, que a metade da nação chinesa não estivesse familiarizada com a música dele! Repare, isto seria alguma coisa que ele não poderia tolerar, sabem?

„Isto não é verdade! Quer dizer os chineses não conhecem o Henry James?“. Esse tipo de coisas, já se sabe. „Hah! Olha este maluco!“ sabem? É a incredulidade com que ele ficaria.

Mas se ele tivesse essa confiança, metade dos chineses saberiam o seu nome!

O crítico acredita que funciona na vida. Ele acredita que está ali com um propósito. Sim, ele serve um propósito. Um músico, um artista, um pintor, qualquer outro, projectista, ficará tão faminto de um efeito algures lá fora que até, por fim, lerá sobre ele próprio as colunas dos críticos. Ele na verdade lê-as mesmo.

Agora, as pessoas que não podem receber um efeito lerão sempre nalguma fonte secundária, não numa fonte primária. Fontes primárias são perigosas. Eles não lerão a vida de Bach, ou de outrem, escrita por Bach. Mas antes leriam a vida de Bach escrita por alguém que uma vez ou outra tenham ouvido um vago rumor de que alguma coisa tinha sido escrito sobre a vida de Bach. E de preferência nem sequer o sujeito secundário, mas o comentário da faculdade sobre o trabalho deste segundo sujeito. E quase o máximo que eles se querem aproximar da causa. Coisa perigosa essa de chegar a causa, realmente perigosa, porque obviamente causa abana a cabeça. É a coisa óbvia. Isso é o que eles sabem. Eles estão muito certos disto. Ninguém causa nada, a não ser desastre e horror, e assim por diante. Eles sabem isto bastante bem, logo não podem ser efeito.

Agora, aqui, vejamos este sujeito outra vez, este músico. Nós começámos a auditá-lo e encontramos aquele tempo que ele acreditava que quando tocava havia pessoas noutras bandas e assim por diante. Esses tipos empalideceram, e aquelas pistas de dança de outro lugar foram totalmente modificadas por causa do estilo de tocar que estava a ser copiado e imitado.

Vocês sabem, ele acreditava que estava realmente a mudar as coisas, e assim sucessivamente. Que estava a criar um efeito. Foi quando arrancou, e tinha alguma suspeita disso.

E então ele começou a fechar-se. E finalmente chegou ao palco para que estava a tocar. Acabou, já se vê.

E então começou a fechar-se outra vez, como em orquestras sinfónicas onde eles tocam somente para descobrir se o maestro lhes vai dizer alguma coisa ou dar-lhes uma pancadinha nas costas. Eles estão a tocar para o maestro, e então para o cavalete. E enquanto estão a tocar para o cavalete, estão malucos. Eles começam a agir assim.

De forma que é uma espiral descendente, encurtar a distância. Agora, isto só se aplica a um artista? Não, isto aplica-se a todas as criaturas vivas.

Uma formiga sabe que pode produzir um efeito, não sabe? Mas que distância pode tolerar para esse efeito? Repare, ela ainda lá está a lançá-lo, mas só pode produzir um efeito que você acharia bastante difícil de observar, de tão pequeno e tão curto.

Agora, há a nossa espiral descendente. A espiral descendente é aquele encurtar da distância do efeito. Ora uma pessoa deveria estar disposta ser efeito. Você sabe o que lhes acontece quando não estão dispostos a ser efeito ao mesmo tempo? Eles saem de um sistema de comunicação de duas vias e começam a lançar barreiras e barricadas para impedir efeitos afluentes de os afectar... causas exteriores de os afectar. E a segunda coisa que fazem é impedir os seus próprios efluxos. Assim, os seus próprios efluxos são impedidos pelas barricadas que ergueu na sua frente para impedir outras pessoas de afluírem a ele.

Você ainda encontrará algum sujeito a comunicar obsessivamente e com tantas barricadas, que o que ele de facto está a dizer depois de vaguear por estes circuitos e barricadas, se é que diz alguma coisa, é tão nebuloso que é incompreensível.

Não é em absoluto uma linha directa. Tem um tremendo número de vias tal, que você não pode mandar nada para esta pessoa. Esta pessoa nem dá para eufemismos.

Certo. Seria indicado, um muito, muito alto escalão de processamento, só deste número um de Os Factors, e isso seria: „no que é que poderias produzir um efeito?” ou „em quem é que poderias produzir um efeito?”

Repare, isso seria a linha directa, depois mandaria sempre o sujeito apontar a distância.

Agora vou dizer-lhes uma coisa muito engraçada. Tenho estado a falar há já algum tempo, mas se você corresse aquele processo, o preclaro poderia subir e dizer tudo sobre esse processo. Ele está sujeito a dizer tudo o que eu acabei de dizer, porque foi de onde eu o obtive, depois de o ter entendido.

De qualquer maneira, quando você pergunta a alguém: „em quem poderias produzir um efeito?” Eles estão sujeitos a dizer só: „*Mahh. Gongg*” “comm-lag, comm-lag, comm-lag, comm-lag, e então finalmente: „em mim próprio”.

Bem, eis o sujeito que se está a auditar, repare, e ele está fechado lá dentro.

Agora, um artista entrará de facto, às vezes totalmente, no campo da mente. Porquê? Porquê?

Ele ficou cansado com'ó diabo de não saber se estava ou não a produzir um efeito lá fora. Ele está a tentar afectar uma mente, já se vê, obter de qualquer forma uma reacção. Finalmente aproxima isso e começa a auditá-lo. Ele pode produzir um efeito nisso através da audição. Ele percebe que pode produzir um efeito através da audição, quando não o podia produzir criando mock-ups e beleza e assim sucessivamente.

Por outras palavras, ele varre a audiência de perto. Mas realmente não lhe importa, se produz o efeito com um trompete, um livro, um carro veloz ou qualquer outra coisa, ele ainda está a tentar produzir um efeito. Os meios pelos quais ele produz o efeito são significâncias relativamente sem importância, desde que o efeito seja produzido.

O criminoso que comete crimes e é apanhado, está simplesmente a tentar produzir um efeito num público mais lato. Ele quer ser conhecido, coisa curiosa. Logo a polícia dá-lhe a possibilidade de ser conhecido.

Num tempo mais de tom alto, 1868, edição do *Washington Intelligencer* de 7 de Maio, acho eu, diz na página de parte de trás, nas colunas pequenas, ao fundo da página de trás, em tipo bastante menor do que o resto da emissão: „Notícias da Polícia”. Há uma secção minúscula na parte de trás do jornal Notícias da Polícia.

Na primeira página falava de discursos, nobreza e determinismo, e da política do governo e dos bonitos discursos que tinham sido feitos algures, e os sentimentos uma outra nação, de um embaixador para a Grécia, de ser dedicada uma estátua... notícias de manchete. Coisas em grande!

Cá atrás: „Notícias da Polícia”. Então eu olhei para isto com alguma curiosidade. Olhei para baixo e descobri no primeiro parágrafo: „a senhora qualquer coisa foi assassinada ontem à noite na Ópera de Washington e nenhum suspeito foi até agora localizado”. Próximo parágrafo.

Você pode imaginar isso hoje? Hm? Pode imaginar isso? Era uma grande sociedade, alta de tom, nesses dias. Uma estranha diferença de ton entre países.

A propósito, é o jornal de Notícias da Polícia hoje em Espanha: um minúsculo „a Senhora Zaza foi assassinada ontem à noite. A polícia ainda não prendeu ninguém”...„Jô-Jô, o conhecido carteirista, foi ontem libertado da prisão”. „No sábado foram assassinadas dezoito pessoas nas montanhas”. O facto deles mencionarem isto é bastante interessante.

Como as pessoas começam a duvidar da sua capacidade de produzir um efeito, e quando vão ao ponto de não poderem produzir pessoalmente um efeito nelas próprias, dedicam-se então à crueldade, assassinio e a cometer qualquer número de crimes.

Agora, se em boa forma, elas produzirão os efeitos na faixa de estética. E se em má forma, produzirão os efeitos na faixa da crueldade ou assassinio. E a diferença entre elas é que as que podem produzir estética têm uma tremenda tolerância à distância do efeito. Elas estão perfeitamente confiantes quanto a produzir um efeito a mil milhas... grande confiança.

E o assassino-feliz e assim sucessivamente, tem que ter a sua vítima ali na sua frente, logo ali na sua frente, e tem que lhe fazer algo horrível para a eliminar, para a convencer, já se vê, que foi produzido um efeito.

Agora, à medida que olhamos para todo este universo, veremos, então que as coisas têm tendência a ficar sólidas. A tolerância à distância é cada vez menos, e obtemos finalmente um electrão. Você obtém moléculas. Obtém massas. Obtém paredes, barreiras, barricadas. Você obtém massas pesadas, não é?

Por isso, para conquistar raças, você procuraria uma raça de planetas pesados, para ser uma raça tipo pesado, muito cruel, de corpo pesado, e a conquista semeada com muita crueldade. Trata-se de um planeta de alta gravidade.

Tomemos um planeta de gravidade de cinco vezes a gravidade de terra, e uma pessoa daquele planeta, é claro, usaria provavelmente armas muito violentas, máquinas de Fac Um, e assim sucessivamente. E eles considerariam quase um crime as pessoas serem iluminadas e arejadas e estéticas e pensantes, já se vê. E ao conquistar planetas vizinhos, ou algo assim, cada vez que atingissem um planeta de baixa gravidade, ou algo assim, ficariam furiosos com essa tremenda liberdade.

Bem, estes sujeitos podiam fugir muito depressa. Os outros produziram um efeito demasiado próximo. Reparem, é mesmo uma coisa horrível. E assim eles tentam *encurtar* aquela distância de qualquer forma possível, e então levar os que eles localizaram a encurtar também a distância e forçá-los obsessivamente a encurtar a distância.

Eu não pretendia entrar de súbito na ópera espacial, mas é um assunto muito legítimo na medida em que estamos a falar disso. A maquinaria do Fac Um que se acha nos bancos das pessoas foi introduzida por pessoas de alta-gravidade, que, a propósito, tiveram um efeito horrível, receberam um efeito horrível das pessoas contra as quais estavam a operar. Às vezes apanhavam-nos para intérpretes e, aqueles, cuspiram os dentes todas as manhãs ao pequeno-

almoço. Estou a ir um pouco rápido demais, quer dizer, eles apanhavam uma destas pessoas que poderiam produzir um efeito a uma distância considerável, e eram bastante parvos para deixar esta pessoa sentar-se à mesma mesa com eles.

Estas pessoas eram muito, muito sólidas. Era muito fácil produzir um efeito nelas. Logo o que havia a fazer era postular que os dentes caíssem na mesa, e provavelmente cairiam. Já se vê, realmente os postulados agarram-se a estas pessoas.

Estou a ir muito depressa e longe quando vos falo destes quase lendários contos de fadas. Mas, contudo, vê-se que a gravidade teria alguma coisa a ver com isto, não teria? E com ligeireza e frescura.

A parte engraçada disso é que, à medida que sobe para liberdade, você entra cada vez mais numa faixa estética. Você entra simultaneamente numa faixa de confiança. Fica cada vez mais alto, pela linha cima, até finalmente atingir algo como um tipo de vida impetuoso, rápido, altamente extasiado, tremendamente emocional. Seria simplesmente bastante para um indivíduo postular aquela liberdade, de que não fará as-is, já sabe, e postular e postular e postular e postular, e tê-lo-á!

Mas tudo o que teria que postular é: „eu posso produzir um efeito daqui para além. Um pouco mais além. Um pouco mais além. Um pouco mais além. Um pouco mais além”. E só continuar a dizer isso, repare. „Postular um pequeno efeito mais além, mais além, mais além, mais além, mais além, mais além”, até se esgotar absolutamente, no ponto em que ele o pôde produzir a dez mil milhas. Você exteriorizará alguém rapidamente se apenas souber a primeira parte de Os Factores. Passarei em revisa o resto mais rapidamente.

2. *No princípio e para sempre é a decisão, e a decisão é SER.* A primeira entidade (beingness) é o ponto de orientação, e isso faz espaço.
3. *A primeira acção da entidade é assumir um ponto de vista.* E, é claro, é o que eu disse. A primeira acção da entidade é assumir um ponto de vista. Agora você é alguém que cria símbolos.
4. *A segunda acção da entidade é estender a partir do ponto de vista, pontos para ver, que são pontos de dimensão.* Que é o que eu disse.
5. *Por isso há espaço criado, pois a definição de espaço é: ponto de vista de dimensão. E o propósito de um ponto de dimensão é espaço e um ponto de vista.*

Você não pode estar em comunicação com ninguém a menos que tenha algum espaço ao qual eles se possam ligar, e um ponto âncora que possam contactar. Esta é a maneira de obtermos uma distância e um efeito. É sempre feito por uma via, mas quanto menos vias mais efeito.

6. *A acção de um ponto de dimensão é alcançar e retirar.*

Você pode ainda ligar a psicose num indivíduo: basta dizer-lhe: „obtem a ideia de não poderes alcançar, mas teres que alcançar, ou de não poderes retirar mas teres que retirar”, e obterá uma ligação entre estas duas coisas e o glee de insanidade, e todos os outros tipos de emoções escaparão ou simplesmente serão criados por isso. Alcançar e retirar, alcançar e retirar, alcançar e retirar, é o que vida está a fazer. E quando se esquece de retirar depois de alcançar,

fica preso. Logo, qualquer pessoa presa em qualquer coisa, está simplesmente a negligenciar retirar depois de alcançar.

7. E do ponto de vista para o ponto de dimensão há conexão e intercâmbio. Por isso são feitos novos pontos de dimensão. Por isso há comunicação.

É o que eu acabei de dizer outra vez. Você faz um ponto de dimensão lá fora, outro faz um ponto de dimensão lá fora, e você tem dois pedaços de espaço. Se os puder ligar, o que é um real truque, e permutar, está completamente em comunicação com a outra pessoa.

Dois chefes selvagens, da selva, avançam e trocam as lanças. O Homem ainda dramatiza esta cerimónia. O homem branco e o índio trocam o sangue. Eles são agora irmãos de sangue. Significa que estão em comunicação, significa que podem falar um com o outro.

E estas tribos entrarão em guerra, ou algo assim, procurarão alguém no meio deles que trocou pontos âncora com outrem. E então estas pessoas agarrarão num parlamentar e pauuau e decidem se vão ou não entrar em guerra. Mas é provável que estas duas pessoas fiquem de fora da coisa toda.

O Totem da Tartaruga, penso que dos antigos índios da América do Norte, mais ou menos um clã... estas pessoas tinham de facto trocado e mantido em comum um grupo de pontos de dimensão.

E quando as tribos ficaram furiosas umas contra as outras, ou algo assim, não foi difícil a um membro do Totem de Tartaruga descobrir que estava a enfrentar outro membro no campo de batalha, e simplesmente passaram à frente. Ambos largaram aquilo tudo. Quer dizer, eles apenas não combateram. Era um acordo. E, daquela maneira, as tribos ficariam em comunicação entre si. Caso contrário, a comunicação teria cessado inteiramente.

E é assim com dois thetans. A menos que mantenham os seus pontos âncora.

PÁGINA EM FALTA

8. E assim, existe luz.

9. E assim, existe energia.

10. E assim, existe vida.

11. Mas existem outros pontos de vista e esses pontos de vista projectam pontos para ver. E então surge um intercâmbio entre os pontos de vista, mas o intercâmbio nunca é diferente dos termos do intercâmbio dos pontos de dimensão.

12. O ponto de dimensão pode ser movido pelo ponto de vista, pois o ponto de vista, além das suas considerações e capacidades criativas, possui querer e independência potencial de acção; e o ponto de vista, ao ver os pontos de dimensão, pode mudar em relação aos seus ou outros pontos de dimensão ou pontos de vista. E assim surgem todos os fundamentos existentes do movimento.

13. Os pontos de dimensão são, todos e cada um, grandes ou pequenos, sólidos. E eles são sólidos apenas porque os pontos de vista dizem que eles são sólidos.

14. *Muitos pontos de dimensão combinam-se em maiores gases, fluidos ou sólidos. Por isso há matéria. Mas o ponto mais valorado é admiração, e admiração é tão forte que a sua ausência permite por si só persistência.*

„Aquilo que não é admirado persiste”. Também, a propósito: „Aquilo em que ninguém está interessado persiste”. Isso é uma realidade engraçada. „Aquilo em que ninguém está interessado persiste”. „Aquilo que não é admirado persiste”.

E compreenda que um gás é composto de sólidos. Um gás é composto de partículas sólidas. Um fluido é composto de partículas sólidas. Quando falamos de um gás ou de um fluido, falamos do fenómeno do fluxo. É quase-matéria a fluir, numa escala gradiente.

15. *O ponto de dimensão pode ser diferente de outros pontos de dimensão, e por isso pode possuir qualidade individual. E muitos pontos de dimensão podem possuir qualidade semelhante, e outros podem possuir qualidade semelhante entre si. Daí as qualidades de classes de matéria.*

A Escala de Mendeleev dos Elementos.

16. *O ponto de vista pode combinar em formas pontos de dimensão, e as formas podem ser simples ou complexas e estar a diferentes distâncias dos pontos de vista. E assim pode haver combinações de formas. E as formas são capazes de movimento, e os pontos de vista são capazes de movimento, e assim pode haver movimento de formas.*

17. *E a opinião do ponto de vista regula a consideração das formas, do seu estado de repouso ou movimento, e estas considerações consistem da atribuição de beleza ou feiura a essas formas. (Tanto o bom como o mau). E estas considerações são por si só arte.*

A consideração é que é a arte, não a forma! E se acreditar no contrário, você está perdido como artista. A forma não é importante, mas a consideração da forma, reparem.

Não há de facto ali nada excepto uma consideração de forma, para que uma criança faça uma imagem de lama, e assim sucessivamente, e lhe diga que isto é bonito. Você está sujeito a olhar para isso e quase tropeçar nisso, ou algo assim, e dizer: „não quero olhar para essa coisa”.

E esta criança olha para si muito surpresa e diz: „bem, é bonito. O que é que se passa consigo? Não vê isso muito claramente? Isto é fulano e fulano. Fulano”. Olhe para isto outra vez, acredite. E desta vez você está sujeito a ver o que ele está a ver, e mais tarde, uma inteira escola primitiva de arte surge onde qualquer pessoa pode fazer um torta de lama, e há uma escola inteira que dirá que é bonita.

É consideração. Logo se você ficar estonteado sobre o que é artístico, basta lembrar que é a consideração que faz isso, ou não, conforme o caso. Nunca fique transtornado por qualquer opinião artística. Você tem tanto direito a uma opinião artística como qualquer outra pessoa.

A simplicidade comunica melhor, e por isso, você pode ter uma opinião melhor de simplicidade do que de complexidade. Mas, às vezes as pessoas são complicadas e têm uma opinião melhor de complexidade do que de simplicidade. Logo nenhuma lei pode ali ser estabelecida.

Não há nenhuma lei em arte. Não há qualquer lei de qualquer tipo. É simplesmente uma consideração.

18. *É opinião do ponto de vista que algumas destas formas devem durar. Por isso há sobrevivência.*

Agora, sobrevivência pode ocorrer simplesmente porque você quer que alguma coisa dure, ou porque não foi admirada. Repare, há dois tipos de sobrevivência.

O tipo que você combate, em Dianética e Cientologia, é a duração não admirada, alguma coisa que dura, aparentemente sem intenção. E isso é afrontoso, logo você não gosta e processa-o.

19. *E o ponto de vista nunca pode perecer, mas a forma pode perecer.*

Você quer falar de vidas passadas, você quer falar de fenómenos intermináveis. Todos estes fenómenos de formas de vida, animal, vegetal, mineral e todo o resto viriam simplesmente da linha dezanove de Os Factores. Quer dizer: o ponto de vista nunca pode perecer, mas a forma pode perecer.

20. *E os muitos pontos de vista, interagindo, ficam dependentes das formas uns dos outros, e não escolhem distinguir completamente a propriedade dos pontos de dimensão, logo ocorre uma dependência do ponto de dimensão e dos outros pontos de vista.*

Um acordo, uma dependência, qual é realmente a diferença?

21. *Disto vem uma consistência do ponto de vista da interacção dos pontos de dimensão e isto, regulado, é TEMPO.*

Muitos pontos de vista concordam com o movimento uniforme de um grupo de partículas e tem ali tempo. Temos em um lapso de tempo comum a todo universo. É a taxa de mudança de posição de partículas no espaço para aquele universo, e isso é tempo.

22. *E há universos.*

23. *Os universos são, então, em número de três: o universo criado por um ponto de vista, o universo criado por todos os outros ponto de vista, o universo criado pela acção mútua dos pontos de vista, o que foi concordado preservar, o universo físico.*

Neste caso particular, é o universo físico. Há o seu universo, o universo dos outros e o universo comum a ambos.

24. *E os pontos de vista nunca são vistos. (Um facto interessante. Por isso, o único efeito real que pode ser provocado é mudar as ideias). E os pontos de vista consideram cada vez mais que os pontos de dimensão são valiosos. E os pontos de vista tentam tornar-se pontos âncora e esquecem que podem criar mais pontos, e espaço e formas. E por isso ocorre escassez. E o ponto de dimensão pode perecer, logo os pontos de vista assumem que também eles podem perecer.*

25. *Por isso ocorre morte.*

26. *As manifestações de prazer e dor, de pensamento, emoção e esforço, de pensamento, de sensação, de afinidade, realidade, comunicação, de comportamento e de ser, são derivados disso e os enigmas do nosso universo estão aparentemente aqui contidos e respondidos.*

27. *Há entidade (beingness), mas o homem acredita que há só tornar-se (becomingness).*

28. *A resolução de qualquer problema aqui colocado consiste do estabelecimento de pontos de vista e de pontos de dimensão, da melhoria da condição e confluência entre pontos de dimensão, e, através disso, dos pontos de vista, e o remédio da abundância ou escassez em todas as coisas, agradáveis ou feias, pela reabilitação da capacidade do ponto de vista assumir pontos de vista e criar e descrever, negligenciar, começar, mudar e parar pontos de dimensão de qualquer tipo, segundo a determinação do ponto de vista. Deve ser recuperada certeza em todos os três universos, pois certeza, e não dados, é que é conhecimento.*
29. *Na opinião do ponto de vista, qualquer entidade, qualquer coisa, é melhor do que coisa nenhuma, qualquer efeito é melhor do que nenhum efeito, qualquer universo é melhor do que nenhum universo, qualquer partícula é melhor do que nenhuma partícula, mas a partícula de admiração é a melhor de todas.*
30. *E acima de todas estas coisas só poderá haver especulação. E abaixo destas coisas há jogar o jogo. Mas estas coisas aqui escritas, o homem pode experimentá-las e sabê-las.*

Bastante importante é que ele pode experimentar e saber estas coisas. É o que Os Factores fazem, agora.

E alguns podem preocupar-se a ensinar estas coisas, e alguns podem usá-las para ajudar os angustiados, e alguns podem desejar empregá-las para tornar indivíduos e organizações mais capazes, e assim dar à terra uma cultura da qual nos possamos orgulhar.

Eis Os Factores.

A quantidade de dados em Os Factores não é mensurável, simplesmente porque você está a olhar para os dados de Os Factores quando vai pela rua abaixo. Não é porque Os Factores foram escritos que os dados existem, mas simplesmente por um regresso e uma inspecção dos denominadores comuns básicos que nos dão a anatomia do que nós chamamos universo, e do que nós chamamos formas de vida.

Agora, espera-se que você saiba tudo isso, logo pedirei que pegue numa cópia de Os Factores e os leia outra vez, e os examine até ter uma boa compreensão dos mesmos.

OK.
